

História da Arte – Barroco

No século XVII, a Europa passou por momentos difíceis, caracterizados pela política absolutista e por problemas religiosos, como a Reforma e a Contra-Reforma. Foi o momento em que se consolidaram os grandes Estados Nacionais europeus e, portanto, surgiram diversas escolas artísticas.

Foi novamente na Itália, porém, embora sob dominação espanhola, que surgiu o barroco, do espanhol *barrueco*.

O termo barroco exprime uma tendência geral de linhas curvas e quebradas, de abundância de detalhes e de visões cenográficas de grandiosos efeitos. Em sentido figurado, diz-se de toda forma muito extravagante e excessivamente trabalhada.

O barroco teve muita força na arquitetura e na escultura, mas ganhou força também na pintura e em outros setores artísticos. Foi uma depreciação do estilo arquitetônico do Renascimento.

Arquitetura e urbanismo

Os grandes complexos urbanísticos foram favorecidos, bem como as construções de grandes igrejas, praças, oratórios e enormes jardins.

Dois arquitetos, Bernini e Borromini, animaram o cenário barroco da Itália.

A arquitetura, nesse momento, apresentava-se como uma reação às formas ordenadas do Renascimento. Apareceram curvas, arcos decorados, reentrâncias, jogos de luzes.

O interior das igrejas barrocas era sempre muito trabalhado, com paredes recurvadas, espaços revestidos de mármore, colunas douradas.

Esses dois arquitetos tinham caráter, cultura e gosto bem diferentes:

Bernini era clássico; Borromini já usava mais a fantasia.

Durante sua rápida difusão na Europa, a arquitetura barroca se caracterizou e diferenciou segundo a cultura e a tradição locais. Por exemplo, na Espanha ela recebeu influência mourisca (árabe), bem diferente do barroco dos Países Baixos (Bélgica e Holanda).

Escultura

Também na escultura o barroco apresenta expressividade e gosto redundante.

Muita riqueza e materiais preciosos (mármore, bronze, prata, madeira) aparecem em inúmeras peças em alto-relevo, frisas, estátuas, fontes e jardins.

A escultura barroca teve um importante papel no complemento da arquitetura, tanto na decoração interior como exterior, reforçando a emotividade e a grandiosidade das igrejas. Destacam-se principalmente as obras de Bernini, arquiteto e escultor que dedicou sua obra exclusivamente a projeção da Igreja Católica, na Itália. A principal característica de suas obras é o realismo, tendo-se a impressão de que estão vivas e que poderiam se movimentar.

As esculturas em mármore procuraram destacar as expressões faciais e as características individuais, cabelos, músculos, lábios, enfim as características específicas destoam nestas obras que procuram glorificar a religiosidade. Multiplicavam-se anjos e arcanjos, santos e virgens, deuses pagãos e heróis míticos, agitando-se nas águas das fontes e surgindo de seus nichos nas fachadas, quando não sustentavam uma viga ou faziam parte dos altares.

História da pintura barroca

O século XVII foi, para a Europa, um período histórico doloroso, onde a dificuldade para a compreensão desse período está demonstrada na riqueza e na variedade das obras que ele nos legou.

A crítica social, certos preconceitos e o anticlericalismo atingiam até a arte.

Os artistas começavam a viajar muito, o que impedia a formação de alunos em seus ateliês.

O crescimento do comércio derrubou as fronteiras, tornando estreitas as relações entre os diferentes países.

A linha geral era expressar a arte, o que possibilitou a divisão em várias escolas com tendências diversas, mas definidas.

É novamente da Itália que se irradia uma corrente artística de ressonância européia e mundial: o barroco.

O termo barroco exprime uma tendência geral de linhas curvas e quebradas, de abundância de detalhes e de visões cenográficas de grandiosos efeitos. Predominam no barroco as emoções e não a razão.

O barroco tem mais força na arquitetura e na escultura, mas também ganha bonitos efeitos na pintura. Os tetos pintados estavam em moda nesse período.

As obras exprimem uma visão trágica da realidade, apresentando formas exageradas e grandes efeitos de luz e sombra. Muitas personagens parecem flutuar no ar dos tetos: é o que se chama ilusionismo.

Dentre os pintores barrocos italianos, destacamos: Caravaggio, Tintoretto e Andrea del Pozzo.

Michelangelo Merisi de Caravaggio (1571-1610) tinha um temperamento passional, amava a vida e a liberdade. Ele viveu apenas 38 anos, mas deixou fortes marcas de sua pintura. Trabalhou a luz e a sombra até com certo exagero.

O BARROCO NO BRASIL

No Brasil deve ser entendido em acepção bem mais ampla, para abarcar também (ou principalmente) a arte e a arquitetura do séc. XVIII. Na verdade, esse estilo já se achava no ocaso na Europa quando no Brasil experimentava seu maior florescimento, como demonstram os *Doze profetas*, de Aleijadinho, e a pintura em perspectiva no forro da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, de Manoel da Costa Atayde, uns e outra concluídos por volta de 1808-1809, portanto já no séc. XIX.

O séc. XVIII é considerado a idade de ouro do Brasil (na expressão de Charles R. Boxer), por ser aquele em que se descobriram quantidades significativas de ouro e pedras preciosas, numa região que por isso mesmo se tornaria conhecida como das Minas Gerais. O fato de Minas ter servido de cenário nesse período para um surto de efervescência artística, não foi mera coincidência. Na América Colonial portuguesa e em zonas de mineração como Ouro Preto no Brasil, se localizaram os principais centros de irradiação artística e cultural.

O barroco brasileiro apresenta-se menos rebuscado e mais sóbrio. Desenvolvido desde cedo por mão-de-obra negra e principalmente mulata, ficou mais próximo do povo. Essa mulatização do barroco no Brasil acabou emprestando sabor peculiar à arte brasileira do Setecentos, nela obviamente também incluída a pintura, transformando-a numa variante dialetal da linguagem original. Observando atentamente as várias vertentes em que se disseminou o barroco pelo país, ver-se-á que a rigor podem ser resumidas a duas apenas. O barroco litorâneo, de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, e o barroco interiorano, que é principalmente o de Minas Gerais, cuidadosamente protegida por suas montanhas.

No litoral, o barroco trazido da Europa manteve-se menos independente, mais atado à metrópole. No interior, o estilo viu-se obrigado pelas circunstâncias a adotar soluções próprias, tornando-se mais original. Por isso, muitos estudiosos costumam ver na arte mineira do séc. XVIII a expressão mais brasileira do barroco no Brasil, enquanto a arte da Bahia, por exemplo, conserva-se bem mais "portuguesa". Há ainda uma outra distinção fundamental entre o barroco mineiro e o baiano: este último reflete os gostos de uma sociedade rural aristocrática, sendo, por conseguinte, mais requintado; enquanto aquele nasce numa sociedade urbana e ideologicamente burguesa, enriquecida a duras penas na mineração e avessa a ostentações.

No Brasil do séc. XVIII a pintura, do mesmo modo que as demais artes e ofícios, continuava sendo praticada, ensinada e orientada por religiosos jesuítas, beneditinos, franciscanos, dominicanos, terésios etc.

Sendo esses padres, monges, frades ou irmãos terceiros não somente portugueses, mas também alemães, franceses, italianos, espanhóis, austríacos, belgas e de outras nacionalidades, ocorreu que muitas características e peculiaridades de diversos estilos nacionais contribuíram para o enriquecimento do barroco brasileiro.

Na pintura setecentista brasileira predomina a temática religiosa, embora existam retratos, umas raras decorações de tema profano e até pagão e, ainda mais escassas, interpretações estilizadas da paisagem local. A pintura de cavalete só excepcionalmente foi praticada, com ênfase na pintura arquitetônica. Sobretudo após 1732 experimentou grande desenvolvimento a pintura perspectivista ou invenção jesuítica. Em nosso país, mencionem-se Caetano da Costa Coelho, Manoel da Costa Atayde, José Joaquim da Rocha e João de Deus Sepúlveda, entre outros. Diga-se ainda que raras vezes a pintura trocou a atmosfera de igrejas e conventos pelo ambiente familiar. Desempenhando função ao mesmo tempo religiosa e social, poucas pessoas a tiveram em suas moradas, fossem elas palácio ou mansão.

Os pintores setecentistas brasileiros socorreram-se de modelos europeus para produzirem suas próprias composições. Procuraram não em outras pinturas - não as havia por aqui -, porém em estampas e ilustrações de missais, breviários e livros de horas flamengos, franceses, italianos etc. Daí resulta a singular dicotomia que oferecem certas obras, nas quais uma composição apurada, segundo os melhores preceitos da arte, contrapõe-se ao desenho ingênuo e ao colorido singelo. Estes modelos europeus emprestam a muitas pinturas brasileiras do séc. XVIII ou já do séc. XIX aparência bem mais antiga: como entender de outro modo que uma obra repleta de pormenores arcaicos ou primitivos, por exemplo, a *Ceia*, de Atayde, foi na verdade pintada em 1828?

As principais regiões de produção pictórica no séc. XVIII foram Bahia e Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro, seguindo-se outras, como São Paulo, Grão-Pará ou Mato Grosso, em que essa arte não conheceu desenvolvimento particularmente notável. Em cada uma destas últimas regiões, embora sejam conhecidos os nomes de vários pintores e a autoria de diversas obras, prevalecem as pinturas de paternidade ignorada à espera de quem as identifique. Tarefa ainda agravada pelo mau ou péssimo estado de conservação em que se encontram quase todas. Além disso, em recibos e termos de empreitadas conservadas em arquivos, há frequentes menções a nomes de pintores, sem que se possa identificar ao certo as obras a que possam ter dado origem.

Antônio Francisco Lisboa, escultor e arquiteto (1730-1814), Aleijadinho, como era chamado o famoso escultor, foi um dos ícones mais importantes do barroco. Usava dinamismo e expressividade em suas obras, que lhe valeram lugar de destaque na arte internacional de sua época.

Devido a problemas de saúde não pôde assumir pessoalmente a direção de seus projetos arquitetônicos e por esse motivo dedicou-se mais à escultura. Suas obras-primas são estátuas de pedra-sabão, que retratam os doze profetas, na igreja de Nosso Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo (1800-1805), e as 66 estátuas de cedro que compõem os passos da *Via Crucis* (1796).

O estilo rococó aparece em Minas Gerais, na Bahia e em algumas igrejas espalhadas pelos outros Estados do Brasil.

Muitas peças do mobiliário da nobreza (época imperial do Brasil) foram trabalhadas nos estilos barroco e rococó.

Era comum peças de credência desse tipo serem usadas aos pares, tanto em residências como em igrejas. Sobre essas peças colocavam-se espelhos e jarrões. A pintura, imitando a chinesa, era o achareado português.

Além das igrejas, apareceram casas, sobrados, chafarizes, fortes, câmaras municipais e algumas fazendas em estilo barroco no Brasil.